

De irmandade e solidariedade

Laços profundos unem Moçambique e Zimbabwe

N. 26/7
89

— destaca o Presidente Chissano em resposta à mensagem da Z. NU-PF

O Presidente Joaquim Chissano destacou os laços profundos de irmandade e solidariedade que unem os povos moçambicano e zimbabwiano desde a luta de libertação nacional desencadeada em ambos os países. Chissano falava no final da sessão da manhã de ontem dos trabalhos do 5.º Congresso do Partido a decorrer em Maputo, que foi marcada pela conclusão da leitura do relatório do Comité Central a este evento iniciada no dia anterior e pela apresentação das mensagens da Frente POLISARIO, da República Árabe Saharaui Democrática, do Partido Democrático do Botswana, e da ZANU-PF, do Zimbabwe, convidados ao encontro.

O Presidente Joaquim Chissano proferiu aquelas palavras em resposta à mensagem apresentada pelo Partido ZANU-PF através do seu membro do Bureau Político e Ministro da Justiça, Emmerson Mnangagwa.

Ao fazer menção ao historial que vem expresso na mensagem sobre as relações entre os povos moçambicano e zimbabwiano, afirmou que para alguns parece uma repetição desnecessária e supérflua porque já há um conhecimento mútuo suficiente.

Destacou que a repetição é bom dado que muitos moçambicanos e zimbabwianos às vezes não conhecem as origens e a profundidade das relações existentes entre os dois partidos e povos.

Observou que alguns pensam que o Zimbabwe está ao lado de Moçambique para agradecer o facto de os seus combatentes terem estado nos últimos anos da luta com as suas bases instaladas no nosso País ou porque a RPM fechou as fronteiras ao regime de Smith.

— Mas não conhecem que Moçambique tem muito mais a agradecer ao Zimbabwe, especialmente à ZANU-PF. Porque naqueles anos chave de 1965, era o regime de Smith juntamente com os portugueses que se opunham à luta de libertação de Moçambique. Se não fosse a luta do povo zimbabwiano pela sua independência, nós teríamos tido muitas dificuldades em vencer aquela aliança Salazar, mais tarde Caetano, Smith e África do Sul.

O Presidente do Partido Frelimo fez notar que sem esse apoio talvez os portugueses e seus aliados teriam terminado a construção da Barragem de Cahora Bassa e criado um lago que servisse de barreira para o avanço da luta armada em direcção ao sul do País.

Ajuntou que por esse facto o Zimbabwe combateu pela nossa independência nacional e que Moçambique ao abrigar os combatentes da ZANU após a vitória contra o colonialismo não o fez para agradecer, mas porque chegou-se à conclusão de que a luta era comum.

— Não é o Zimbabwe que não pode sobreviver sem Moçambique. Não é Moçambique que não pode sobreviver sem o Zimbabwe. Os dois países não podem sobreviver sem um e outro — precisou.

Chissano afirmou que esta realidade histórica às vezes é desconhecida pelos estrangeiros que fazem considera-

ções de ordem económica e especulam sobre a política actual, pensando que pode haver discórdias, contradições capazes de separar Moçambique do Zimbabwe.

Lamentou o facto de alguns cidadãos dos dois países mal informados irem atrás dessas vozes estrangeiras que desconhecem a intimidade, o relacionamento cultural e social existentes entre os dois povos.

Fazendo referência à mensagem apresentada, o mais alto dirigente do Partido disse que ela espelha a confiança que a ZANU-PF e o povo zimbabwiano depositam na Frelimo.

— Você (Mnangagwa), disse muito correctamente que o Partido Frelimo, a sua própria formação foi um acto de reconciliação e de unidade do povo moçambicano. Hoje há movimentos que querem destruir esta reconciliação, esta unidade alcançada e exigem-nos todo o tipo de reconciliação que significa divisão — referiu.

O Presidente Chissano disse que é pelo facto do Zimbabwe conhecer que a reconciliação alcançada já em 1962 e consolidada durante a luta de libertação nacional deve ser defendida, que o seu povo está ao lado de Moçambique.

Congratulou-se pela unidade alcançada no Zimbabwe e sublinhou que ambos os povos vão lutar contra todos aqueles que querem semear a divisão em ambos os países irmãos.

— Queremos também agradecer por ter-nos feito recordar os nossos mártires comuns que jazem em Nyazônia, Chimoio e Tete. Nas longas caminhadas muitos ficaram do Zimbabwe e de Moçambique. O nosso sangue corre nas mesmas veias — disse a finalizar o Presidente Chissano.